

MOVIMENTO ANARQUISTA

A AÇÃO DANOSA DOS LÍDERES DE PURO FASCISMO

José
Oiticica

EDGARD LEUENROTH

É aos trabalhadores que se destinam estas despreziosas linhas.

Sim, companheiros, é a vocês que dedico as considerações que se seguem. Quando tantos improvisados líderes, chefes, mentores ou guias estão a surgir por aí, como cogumelos em terreno úmido, arrogando-se cada qual maiores direitos de ditar normas de ação, de dar palavras de ordem às massas, ao elemento de base, como eles classificam a classe trabalhadora, não me parece demais que um antigo militante obreiro também possa dizer alguma coisa sobre a situação do proletariado em face do mundo atual.

São palavras despreziosas de quem, como operário gráfico, vai para meio século, se lançou no movimento reivindicador dos direitos do operariado e a ele dedicou todo o entusiasmo, todos os ardores e quase toda a atividade da sua juventude, agindo sempre, desde então até o presente, como elemento ativo no conjunto dos lutadores, como militante a par dos demais, colhendo os ensinamentos oriundos das lutas e transmitindo-os de igual para igual, aos companheiros de pejeira.

O que agora se está verificando é verdadeiramente lamentável. Muito ao contrário de procurarem esclarecer os trabalhadores, esses tais líderes, que pretendem arregimentar o proletariado em obediente rebanho, outra coisa não tem feito senão semear confusão, contribuindo, assim, para embarçar o trabalho de educação social do operariado.

Sente-se a gente com o direito de perguntar a esses salvadores de última hora se algum deles participou do movimento operário vivendo a vida íntima das organizações dos trabalhadores (não nos pseudosindicatos de hoje, está claro), tomando parte em suas reuniões e congressos. Terão acaso, esse convívio com os operários, com eles tratando de tu para tu, afim de conhecerem, de perto, seu feitio, sua maneira de ser, sentir-lhes seus anseios, certificando-se de suas aspirações e aquilantando de sua capacidade de ação? Conhecerão esses líderes de fabricação em séries, porventura, os métodos da organização sindical de resistência, de defesa e reivindicação da classe trabalhadora, sabendo como ela se forma e funciona em seus vários setores? Pode-se afirmar, com segurança que não. Quando muito, encheram-se de umas tintas de leituras marxistas por ser a literatura da moda, enfileiraram uns tantos slogans de importação, repetidos com ou sem propósito e... pronto, passaram a considerar-se os guias incontestados das massas.

Afirmando servirem-se da dialética — rótulo vistoso para produto duvidoso — desdizem hoje, sem hesitação alguma, o que ontem afirmavam dogmaticamente, escomungando os que deles discordam. Dantes falavam em lutas de classe e hoje proclamam a necessidade de colaboração com o capitalismo!...

E assim procedem seguindo a orientação do seu líder máximo, transformado em messias a quem devem cega obediência, e, como ele, aconselham os trabalhadores a não perturbarem a giboiesca digestão dos burgueses desta

terra de Vera Cruz, ajudando-os, ao contrário, a atingirem o desenvolvimento do ciclo da sua dominação no regime capitalista.

Isso autoriza a perguntar se tais opiniões estão de acordo com os princípios teóricos e táticos do socialismo, dando a essa designação seu sentido histórico. A resposta terá de ser, inevitavelmente, negativa. Estariam bem na boca de algum político conservador burguês, mas não podem, de maneira alguma, encontrar justificativa, partidas de quem se proclama líder único e indiscutível da classe obreira. São conclusões colaboracionistas, em contraste chocante com a luta permanente e inevitável do proletariado pela reivindicação de seus direitos menosprezados.

Diz o referido líder, hoje tão em destaque, que os trabalhadores devem colaborar para o progresso do capitalismo do Brasil. Mas, que têm feito os trabalhadores desde os tempos dos servos da gleba, dos escravos da idade média e, agora, no regime do salarido, senão trabalhar perenemente, para ajudar os capitalistas a acumular fortunas e, em troca, viverem uma vida de permanente penúria?

Entretanto, a capacidade de sacrifício dos operários é infinita e isso permitirá que eles atendam ao apelo do grande líder e contribuam para que, aos balanços das empresas capitalistas, se juntem mais alguns milhões de cruzeiros aos muitos centos por cento de lucros acusados nos últimos balanços. Poderão também os trabalhadores, na sua eterna magnanimidade, amontoar e apertar ainda mais as suas famílias, afim de arranjar lugar, em seus porões, em seus cortiços, em seus barracões, em suas favelas e mucambos, para poderem acomodar os pobres burgueses que não se encontram bem instalados em seus palacetes de Copacabana ou Jardim América. Se, em seus automóveis, os infelizes capitalistas já não se acomodam, não seja essa a dúvida, pois, espremendo bem, os operários lhes poderão arranjar lugares nos estribos dos bondes ou nas plataformas dos trens de subúrbios. E, se os cardápios dos Esplanadas, dos Glórias, dos Palacetes, os enfastiam, há de dar-se um jeito de serem instalados nos meios das calçadas e junto às paredes das fábricas, para almocarem, de marmitas nos joelhos, a comida requentada da véspera.

Quando até a gente do Vaticano, símbolo da organizada reação da burguesia, falam reformas de caráter social, embora à sua maneira, está claro; quando os próprios governantes dos países capitalistas admitem uma marcha para as transformações de caráter socialista; quando, mesmo entre os elementos conservadores, já se firmou a convicção de que grandes reformas de caráter socializante se tornaram inevitáveis, no Brasil, aquele que se apresenta como chefe supremo do movimento proletário vem proclamar que os trabalhadores é que deverão fazer ainda esforços maiores em favor de um maior enriquecimento dos capitalistas! E isso num país, como o nosso, onde o nível de vida da classe trabalhadora é dos mais baixos!

O pior é que essa tendência colaboracionista foi levada a tal

ponto, que já chegou a constituir verdadeira traição aos trabalhadores. É uma verdade dura mas que deve ser dita.

Premidos pela carestia assustadora do custo da vida, atormentados por toda a série de necessidades, os trabalhadores tiveram de reclamar melhoria de salários, pois que, de outra forma, não sabiam como, pelo menos, conseguirem aliviar os seus tormentos. Como é tradição na história das reivindicações trabalhistas desta terra, os trabalhadores fizeram isso espontaneamente, por sua própria iniciativa, em muitos casos até à margem da intervenção dos sindicatos, hoje sujeitos à orientação governamental. Pois não faltou quem, nas esferas desses elementos colaboracionistas, viesse a público afirmar que os operários, como se fossem passivos carneiros, haviam agido em obediência a influências estranhas, de quintaculnas, de traidores, etc.! Essa é uma calúnia que jamais o proletariado de S. Paulo, cuja história representa um padrão de consciência, poderá esquecer!

Vocês, meus velhos companheiros de tantas pejeiras duras, dolorosas e, muitas vezes, sangrentas, saberão defender-se, não precisam de defensores de encomenda.

Observem, estudem a situação, examinem a conduta dos que pretendem orientar o movimento operário e não se esqueçam nunca do que diz a nossa gloriosa *Internacional*, renegada embora no país que se proclama pátria do socialismo, mas sempre a mesma: *Façamos, nós por nossas mãos, aquilo que nos diz res peito!*

Nada de messias oníscios. Cada um deve ser líder de si mesmo, tornando-se consciente e unindo-se aos seus companheiros de classe trabalhadora para defesa direta dos direitos de todos e de cada qual.

MEIOS DE AÇÃO

P. FERREIRA DA SILVA

Os trabalhadores têm ao seu alcance diversos meios de ação para alterar, sempre e em todas as circunstâncias, a situação que lhes é desfavorável. Reivindicando direitos ou tomando-os simplesmente pela adoção de sistemas de vida que modifiquem, pouco que seja, o seu atual estado econômico, estarão destruindo a escravização social e as algemas que o capitalismo impiedosamente lhes aplica.

Não há necessidade, para isso, de violência ou sangue, de convulsões brutais, nem se trata de destruição material de algo que, ruindo, possa destruir a vida. Tem prejudicado muito a causa libertária o conceito de violência ou desordem, atribuído aos seus princípios, com evidente má fé, pelos adversários. Ação direta não é necessariamente ação violenta. Ação direta é ir direito ao fim, pelos caminhos iluminados, pelos meios limpos de colaboração suspeita.

A figura simbólica dos punhos que se separam rebentando as algemas é sugestiva, mas é sempre simbólica. Traduz um esforço necessário à libertação do indivíduo, e esse esforço realiza-se pela inteligência, pela ação constante dos mais capazes, pelo

Greves aqui, greves monstruosas nos Estados Unidos, greves conscientes na Inglaterra e uma greve internacional contra Franco.

As chamadas democracias clamaram, por mera propaganda antifascista durante a guerra, o direito de greve; porém, mal findou a guerra e irromperam as greves, logo esse precioso direito vai sendo, teórica e praticamente, restringido, regulado, extinto.

Pelos telegramas, já sabemos que Truman, reacionário por princípio, ante a resistência dos ferroviários, resolve intervir nos serviços substituindo pelo Estado, patrão armadíssimo, os patrões particulares das firmas. O Estado americano faz-se assim furagreves, crumiro, traidor dos próprios princípios liberais solenemente afirmados. Nesses reiterados reconhecimentos do direito de greve, não se especificam as greves permitidas ou as greves vedadas. A promessa de reconhecimento é geral, irrestrita, peremptória e sanciona o mais legítimo de todos os direitos, o direito de dispor do seu trabalho, da sua liberdade. Trabalho por uma paga. Se não quero trabalhar rejeito a paga e é tão sagrado o meu direito como o de morrer de fome, se me apraz.

Já um articulista de má morte, no *Correio da Manhã*, aponta o exemplo de Truman, argumentando com a *grande democracia*, sem ver que o ato da *grande democracia* é um ato puramente fascista, de plutocratas bifrontes e sem decoro político.

Outro jornalista, defensor excelso das liberdades pátrias, examina o caso de Santos: greve da estiva que se recusa a descarregar navios espanhóis. E esse pseudodemocrata, esse ricoço da alta roda, clama logo, do alto do seu patriotismo, contra os *trabalhadores estrangeiros* que pretendem ditar leis em nossa terra. E chama *comunistas* a tais homens, ignorando, o ignorantão, que a luta dos trabalhadores contra Franco é *internacional*. Na democrática Suécia, mais democrática sem dúvida que Truman, a guerra econômica dos trabalha-

dores a Franco é pública e notória. Atendem ao grandioso apelo de todos os espanhóis martirizados por Franco, os incansáveis lutadores de dentro e de fora de Espanha em favor desses verdadeiros paladinos da liberdade na terra. Evidentemente os ouvidos degenerados dos dois articulistas e de outros tantos bem locados e lotados na vida, não ouvem esses gritos, nem suas mentalidades de fascistas legítimos, mascarados de liberalismo, logra aprender o alto alcance humano dessa resistência internacional.

A resistência só pode vir dos trabalhadores porque Franco está mimado pela plutocracia americana, inglesa, brasileira, italiana e outras mais, inclusive a Igreja.

Se não, vejamos como foram recebidos os navios espanhóis na terra do fascista Perón. Com a mesma recusa intransigente da estiva. Foi resistência decretada pela *Federación Obrera Regional Argentina*, a gloriosa *Fora*, de tendência e doutrina anarcosindicalista, que ressurge, está-se vendo, da ditadura com a mesma capacidade de luta. Recusam-se a carregar e descarregar navios de Franco por serem solidários com todos os trabalhadores do mundo erguidos contra o ditador fascista.

E os democratas brasileiros de meia tigela aplaudem os atos fascistas do nosso governo, deslembrados das afirmativas mais categóricas, valendo-se de argumentos esfarrapados, tresandantes e sujos.

Vem a greve da Leopoldina, empresa secularmente exploradora, atrasada, antibrasileira, cujos serventuários, sem exceção, detestam sua administração rotineira e usurária, e logo as autoridades da nossa democracia movimentam o exército para, imitando o fascismo americano, furar torpemente a greve mais que justa.

E porque fazem isso os de fora e os daqui?

Porque, desgraçadamente, os trabalhadores do mundo inteiro, menos os espanhóis, não chegaram a compreender ainda a essência da sua luta contra os possuidores da terra. Esquecendo-se de que só eles são os interessados em defender os seus interesses, abrem ouvidos às lábias melosas dos tais líderes, dos tais chefes políticos, desses conscientes embusteiros das classes laboriosas.

Vejam, por exemplo, os grevistas da Leopoldina. Rompida a greve, pôs-se em campo o seu líder fazendo cômico com os defensores jurados da companhia inglesa. Falou pelo rádio e falou para aconselhar os grevistas a se aquietarem, a terem confiança nele, no interventor, no Negrão, em toda gente, menos neles próprios.

E que devem fazer os grevistas? Acreditar só e só neles mesmos e não no presidente, e não no ministro, e não no governo e não no Estado. Que lhes manda o Estado? Soldados para furar a greve e o discurso do presidente para desperduá-lo.

Tudo acontece porque falta aos trabalhadores brasileiros a sua antiga Federação Operária forte e unida. Desmantelada pela traição dos politiqueros comunistas, de 1919 em diante, essa organização, digna êmula da *Fora* argentina, não se pôde ainda refazer. Seus sindicatos de resistência foram substituídos pelos sindicatos caricatos do Ministério do Trabalho e em cada um destes há um presidente, um líder, a tantos contos por mês, cuja missão especial é a de frear todo movimento salutar de reivindicação operária.

(Conclui na página 4)

DOCUMENTARIO

Constituem lição viva e, só por si, valem um curso inteiro de sociologia libertária.

AÇÃO DIRETA recomenda aos anarquistas em particular e aos trabalhadores em geral que leiam com atenção estes documentos históricos pois resultam de longos debates e estudos dos mais experimentados companheiros de luta.

A luta contra o terror franquista UM DOCUMENTO HISTÓRICO

Do comité Nacional do Movimento Libertário Espanhol recebemos um exemplar do manifesto clandestino editado pela Federação Local de Grupos Anarquistas de Barcelona e que foi distribuído em toda a Espanha. Apenas 12 exemplares puderam chegar à França e um deles foi destinado ao nosso semanário para sua publicação no Brasil.

Este é o manifesto.

“— Federación Local de Grupos Anarquistas de Barcelona —”

A los militantes de la C. N. T. a los anarquistas y a los jóvenes libertarios.

Rompiendo nuestro silencio.

A todos los anarquistas de antaño, a los anónimos de antes y de ahora y a todos los luchadores del ideal ácrata en general, van dirigidas estas líneas de savia libertaria anarco-confederal. No para quitarle brillo al mosaico de nuestro ideal, sino para conseguir humanamente la toma de contacto que ha de producir la chispa luminosa capaz de armonizar y dar vigor ha nuestras inquietudes, siempre anhelosas de renovación social.

Nadie puede discutirnos ni poner en duda nuestro pasado de hombres abnegados y luchadores por la emancipación del proletariado de nuestro país, al que jamás presentamos factura de esfuerzo ni sacrificio alguno. Esa y no otra es la F. A. I., un grupo de librepensadores que coherentemente unidos constituyen el nervio ético y específico del Movimiento Libertario Ibérico. Por esto precisamente, rechazamos todo escepticismo que tienda a desvirtuar la eficacia o determinismo de nuestro anagrama frente a los que, arguyendo conceptos nimios y malintencionados, nos califican a su antojo, ora como vulgares atracadores, ora como utopistas de un ideal abstracto e irrealizable. Como se equivoca! La F. A. I. resurge hoy más potente y con más vigor que nunca, presta y dispuesta a entrar en acción en cuanto la voz de alarma sea dada, para libertar a nuestro pueblo del terror, del crimen y de la más espantosa miseria impuesta por la Falange y la cerrilidad obscurantista, con Franco, mil veces traidor, a la cabeza.

...!Basta de resignación...!
Debemos actuar y vamos a actuar.

Muchos son los españoles que confían su liberación a una intervención de las Democracias Aliadas. Nosotros no. Solo confiamos en el esfuerzo macomunado del proletariado y en la acción directa. Tampoco compartimos el platonismo de confiarlo todo al azar y mientras tanto cruzarnos de brazos esperando en cualquier momento la desagradable visita del verdugo o el pelotón de ejecución...! Ojo por ojo y diente por diente...!

Solo vuestra gallardía acompañada de la acción puede hacer temblar a los Auditores de Guerra así como a esas brigadillas, bandas de asesinos, que han dado en llamar policías, al servicio del fascismo internacional.

Por eso entendemos que no dá lugar a discusión el caso español. A los que nos quieran seguir, de adentro o de fuera de la fron-

tera, les emplazamos para que, con nosotros, convengan que solo un plan de acción intensa puede poner fin a este estado de cosas inaguantable.

La F. A. I. está dispuesta a cubrirse nuevamente de gloria, poniendolo todo desinteresadamente a contribución de la gran epopeya revolucionaria que há de salvar a nuestro país de la esclavitud y del crimen que lo sujeta a pesar del triunfo de las Democracias sobre el fascismo italiano-germano.

Para que nuestra acción se vea coronada por el éxito, es indispensable la cooperación entusiasta de todos los compañeros que aman el ideal anárquico para en completa compenetración hacer nuestro Movimiento el muro granítico en el que ha de estrellarse Franco y todas las bajas apetencias políticas, partan de donde partieren.

Saludamos con incontinente emoción a todos nuestros compañeros presos. Viva Nuestros Presos! Viva la Libertad...!

Viva la Federación Anarquista Ibérica...!

Meios de ação

(Conclusão da página 2)

cos, para organização profissional e especialização técnica, estando agindo certo e trilhando um caminho direito. O sindicalismo libertário é um meio de ação coletiva.

Um operário que, graças à peculiaridade do seu trabalho, pode instalar-se em sua própria oficina libertando-se do patrão, estará dando um passo no ardezanato livre, possível embrião de uma associação de pequenos produtores cooperando com o sistema fabril de técnica avançada. É um meio de ação individual.

As cooperativas de consumo, tirando-se delas a finalidade de lucro, podem ser também um elemento de grande utilidade para os trabalhadores. Urge, porém, modificar as suas bases, para que o consumidor não se transforme, por sua vez, em beneficiário do lucro.

O lucro, agravando o preço dos produtos sem lhes acrescentar nenhum valor, alimenta a classe parasitária dos intermediários. Nada o justifica, a não ser o arbítrio da propriedade. Quem compra os artigos susceptíveis de comércio torna-se dono, e abusa da propriedade para elevar-lhes o valor da troca.

Os trabalhadores podem organizar cooperativas de distribuição, emancipando-se dessa exploração econômica. Abolindo, porém, a prática da elevação de valores, eliminando o lucro, que é sempre anti-natural. Cooperativas de distribuição e associações do ardezanato livre, formariam um pequeno-sistema social prático e imediato de características libertárias. O cooperativismo é um meio de ação coletiva.

A ação doutrinária e cultural do anarquismo deve apoiar-se em todos os meios de ação direta, e são meios de ação direta os que levam o trabalhador, por seus próprios recursos profissionais e de sociabilidade, ao bem-estar, à liberdade e ao convívio fraternal.

Recordemos um documento importante

Em 1929, dos 11 aos 16 de maio, realizou-se em Buenos Aires o Congresso Continental Americano. Esse memorável congresso, base do movimento aproximativo dos trabalhadores americanos, antes inteiramente alheios uns aos outros, criou a Associação Continental Americana de Trabalhadores. As declarações de princípios dessa associação merecem ser agora relembradas nesta hora de ressurgimento e defesa contra o nazismo dominante ainda.

Daremos hoje

MEIOS DE LUTA

1.º O objetivo da organização obreira consiste em associar todos os assalariados para a luta contra a classe exploradora de acordo com o lema da primeira Internacional: «A emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores»

2.º - Para que seja possível chegar a esse objetivo, devem os métodos de ação estar em concordância com a doutrina revolucionária. Daí serem as práticas de luta da A. C. A. T. e das organizações que a integram, a greve parcial e geral, a sabotagem e o boicote nos casos em que seja necessário praticar a solidariedade mais além dos respectivos planos nacionais.

3.º Repele-se a arbitragem oficial e as intervenções oficiais para solução das controversias entre o capital e o trabalho. Em consequência, combater-se-á

a política da colaboração de classes, comprometendo-se as organizações obreiras firmadoras deste pacto solidário a impugnar os projetos legislativos que, nos respectivos países tendam a converter em obrigatória a intervenção do Estado nas greves e outros conflitos sociais.

4.º A base das organizações obreiras libertárias é o federalismo. Os indivíduos associam-se voluntariamente no sindicato, os sindicatos formam as federações e o conjunto constitui o organismo nacional. De baixo para cima se institui a união do proletariado conservando tanto o indivíduo, como o grupo associado sua autonomia dentro da Internacional dos trabalhadores.

As organizações por ofício ou ramo industrial ou organizações por fábrica nas modernas empresas racionalizadas deve manter-se

liberada para maior vantagem reconhecida pelos interessados. O federalismo é uma concepção organizadora em linha convergente, que não se destroi mal se consiga a relação de interesses no plano da imediata concreção de uma fábrica, de um povoado, de uma região, atendendo a que o homem se deve primeiro ao meio ambiente em que vive como ente social e, depois, ao ofício como produtor.

5.º A Associação Continental Americana de Trabalhadores declara-se adversária de toda política e repele todo compromisso ou aliança com os partidos que aceitam a colaboração de classes e com os sectores sindicais que atuam na esfera do E-tado, quer parlamentares quer ditatoriais.

6.º A A. C. A. T. manifesta sua simpatia a toda tentativa proletária revolucionária para conseguir sua emancipação política, econômica e social completa por meio da insurreição armada.

7.º Como aspiração futura, a A. C. A. T. recomenda o comunismo anárquico, entendendo que a propaganda das idéias filosóficas do anarquismo deve ser a preocupação constante de todos os revolucionários que aspiram a suprimir, com a tirania econômica do capital, a tirania política e jurídica do Estado.

FINS IMEDIATOS

Sem renunciar seus objetivos gerais, antes, como eficaz meio de acelerar sua realização, a A. C. A. T. propaga os seguintes fins imediatos:

1.º Obtenção de mais altos salários, isto é, de maior participação dos trabalhadores nos resultados da produção.

2.º Redução da jornada de trabalho.

3.º Defesa das conquistas sociais, econômicas e morais com todos os processos da ação direta revolucionária que não contradigam os elevados fins almejados.

4.º Luta incessante contra o militarismo e a greve pela propaganda do boicote à indústria dos armamentos, da negativa individual e coletiva para servir no exército, do desprestígio moral do ofício militar, da greve geral revolucionária e da sabotagem em caso de guerra.

5.º Desconhecimento das barreiras artificiais das nacionalidades estatais e proclamação da pátria universal do trabalho e da comunhão de interesses dos trabalhadores de todo o mundo.

6.º Divulgação e afirmação de uma mentalidade profundamente libertária e de produção consciente como condição prévia de transformação social promissora.

7.º Exercício constante da solidariedade em favor das vítimas da luta revolucionária contra o capitalismo e o Estado

8.º Estímulo e apoio a todas as correntes e movimentos sociais e de cultura que, ainda sem coincidir inteiramente conosco nos objetivos finais, contribuem com sua ação e propaganda para debilitar os esteiros do autoritarismo político e do privilégio econômico, sem abandonar nunca sua própria coesão interna, nem perder de vista as finalidades que singularizam o movimento libertador do trabalho.

Daremos no próximo número as resoluções da A. C. A. T. contra a reação internacional, tão vivas ainda hoje.

Informações, Imprensa e Propaganda

Já recebemos com regularidade os seguintes jornais e revistas do exterior:

DO MÉXICO

Tierra y Libertad. Do Movimento Libertário Espanhol
Solidaridad Obrera. Da C. N. T. da Espanha-Delegação do México
Estudios Sociales. Revista do Movimento Libertário Espanhol
Inquietudes. Idem
Regeneración. Da Federação Anarquista Mexicana
Espantaco. Idem

DA FRANÇA

Ruta. Das Juventudes Libertárias, da Espanha - Toulouse
Libertad. Do Movimento Libertário Espanhol - Rennes
C. N. T. Da C. N. T. da Espanha - Toulouse
Solidaridad Obrera. Da C. N. T. - Toulouse

DA AFRICA DO NORTE

Solidaridad Obrera. Órgão da C. N. T. da Espanha na Africa - Alger

DA AMERICA DO NORTE

Cultura Proletaria. Do Movimento Libertário Espanhol - New-York
L'Adunata dei Refrattari. Italiano - New-Jersey.

DA INGLATERRA

Freedom through Anarchism. Londres.

DA SUECIA

Dack och Durk Órgão dos Marítimos Suecos - Estocolmo

DA ARGENTINA

La Protesta. Órgão da F. O. Regional Argentina - Espanha Republicana. Dos Republicanos Espanhois no Exílio.

DO URUGUAY

Lealtad. Órgão dos Republicanos espanhóis. Montevidéu.

De Bordéus chegaram os seguintes folhetos:

José de Tapia — Organización de la Educación Nacional-1945
Soledad Gustavo — (pseudónimo de Teresa Mane) - El sindicalismo y la anarquía - 1945
Max Nellau — Errico Melatesta - 1945
Rudolf Rocker — Pedro José Proudhon - 1945
— Fernin Salvochea - 1945
Felipe Alair — Hacia una Federación de Autonomías ibéricas - cinco fascículos
Antonio Casanova — Posición Revolucionaria - 1945
Ricardo Mella — Breves apuntes sobre las pasiones humanas - 1945
A. Souchy — El movimiento cooperativista em Suecia. 1945
Fausto Falasohi — Cura del odio - 1945
Grupo Anoa — Nuestro programa de adaptación - 1945